

Fazer COM: o papel da comunicação comunitária na promoção da saúde em favelas e periferias¹

Cristiane d’Avila²
Luiza Henriques³
Patrícia Ferreira⁴

RESUMO

Na pesquisa ‘Geração cidadã de dados: cartografia de coletivos de comunicação comunitária para promoção da saúde’, realizada pela Fundação Oswaldo Cruz em parceria com coletivos de comunicação comunitária da Zona Norte do município do Rio de Janeiro, em 2024, questionamos, na perspectiva da comunicação comunitária, se coletivos populares de comunicação em atividade nas favelas do município do Rio de Janeiro contribuem para o fortalecimento da Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS). Estudo de caso efetivado por meio de aplicação de questionário e realização de entrevistas semiestruturadas com representantes de coletivos do complexo de favelas do Alemão, da Maré, de Manguinhos e do Jacarezinho aponta que os coletivos de comunicação de favelas, a despeito de exercerem suas atividades em permanente estado de precariedade estrutural, configuram-se potenciais agentes de promoção da saúde.

PALAVRAS-CHAVE

Coletivos de comunicação; promoção da saúde; cidadania; favelas e periferias

Iniciativa da Fundação Oswaldo Cruz em parceria com comunicadores comunitários da Frente de Mobilização da Maré, do Jornal Fala Manguinhos, do Instituto Raízes em Movimento (Complexo do Alemão) e do Instituto Decodifica (Jacarezinho), o projeto de pesquisa ‘Geração cidadã de dados: cartografia de coletivos de comunicação

¹ Trabalho apresentado ao GT32SE - Popularização da ciência: atores sociais, formação e carreira na área, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Jornalista e pesquisadora da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, diretora de Integração Nacional da Rede Brasileira de Jornalistas e Comunicadores de Ciência. cristiane.davila@fiocruz.br.

³ Jornalista, coordenadora de comunicação da Cooperação Social da Presidência da Fiocruz. luiza.gomes@fiocruz.br

⁴ Designer do Multimeios/ICICT/Fiocruz e do Dicionário de Favelas Marielle Franco. patricia.ferreira@fiocruz.br

comunitária para promoção da saúde’ objetivou mapear coletivos de comunicação comunitária em atuação na Zona Norte do município do Rio de Janeiro para verificar se as ações comunicacionais realizadas por estas organizações contribuem para a promoção da saúde nos territórios onde atuam.

Para tal, adotamos a metodologia de pesquisa-intervenção participativa (Chassot & Silva, 2018), que rompe a fronteira entre pesquisadores e objetos de estudo, o que geralmente caracteriza as pesquisas científicas. Baseamos nossa argumentação nos conceitos de comunicação comunitária de Peruzzo (2009) e Paiva (2003), segundo as quais trata-se de “instrumento político das classes subalternas para externar sua concepção de mundo, seu anseio e compromisso na construção de uma sociedade igualitária e socialmente justa” (Peruzzo, 2009, pp.49-50) e “aspecto dinâmico e reivindicatório, que se instala a partir da informação numa ótica programática, de melhoria da condição de vida do indivíduo” (Paiva, 2003, pp.56-57), a fim buscar respostas para a seguinte questão: “os coletivos de comunicação comunitária de favelas configuram-se potenciais agentes de promoção da saúde?”

Metodologia

Pesquisa-intervenção participativa (Chassot & Silva, 2018) realizada no âmbito da abordagem qualitativa. Os dados foram analisados pelo método de Análise de Conteúdo (Bardin, 2015), que possibilita o estabelecimento de categorias analíticas (temas) para interpretação e inferências a partir dos objetivos da pesquisa e das mensagens contidas nas respostas. Adotou-se o seguinte roteiro para coleta e análise dos dados:

Questionário eletrônico

Entre os dias 2 de abril e 5 de maio de 2024 aplicamos o questionário eletrônico (produzido em formulário do Office 365) “Cartografia dos coletivos de comunicação comunitária da AP 3.1”, com o objetivo de identificar possíveis coletivos de comunicação comunitária em atuação na AP 3.1, suas ações, potências e fragilidades. Listamos, previamente, a partir da base de dados do Dicionário Marielle Franco, os coletivos da Área Programática 3.1 da cidade do Rio de Janeiro a serem contactados para o recebimento do questionário.

Entrevistas

As entrevistas seguiram roteiro semiestruturado contendo nove (9) perguntas para identificação da(o) entrevistada(o) e do coletivo onde atua, e oito (8) perguntas sobre comunicação, memória e documentação e promoção da saúde, de forma que entrevistada e entrevistados discorressem sobre o tema proposto de maneira espontânea, e as entrevistadoras pudessem incluir questões ajustadas aos perfis dos sujeitos da pesquisa. As fontes – Gizele Martins (Frente de Mobilização da Maré); David Amen (Instituto Raízes em Movimento); Fábio Monteiro (Agência de Comunicação Comunitária de Manguinhos/Jornal Fala Manguinhos) e Vinícius Morais (Instituto Decodifica, antigo LabJaca) atendiam aos critérios estabelecidos pelo recorte e objetivos desta investigação.

Resultados

O projeto partiu da premissa de que a vulnerabilidade socioeconômica e territorial histórica das favelas e periferias do Rio de Janeiro impacta diretamente a comunicação comunitária, seja aquela realizada por organizações sem fins lucrativos, profissionais autônomos ou grupos populares locais. A hipótese foi corroborada com a análise dos dados de questionário eletrônico elaborado e distribuído pelos pesquisadores, como parte da metodologia do projeto e as entrevistas.

As informações coletadas evidenciaram que tais grupo atuam com equipes enxutas, majoritariamente compostas por voluntários, carecem de equipamentos para o trabalho, como câmeras e computadores, de espaço físico próprio e sofrem adoecimento psíquico e transtornos de saúde mental, em razão da violência nos territórios onde atuam. Por outro lado, a despeito de reconhecerem a precariedade da situação laboral, os respondentes consideram que suas ações impactam positivamente a saúde nos bairros onde atuam e suas campanhas de mobilização reforçam a identidade cultural local, geram o sentimento de orgulho de ser “cria da favela” e a compreensão das desigualdades sociais que vulnerabilizam as populações ali residentes.

Observamos que nas ações e campanhas de mobilização realizadas em condições precárias de infraestrutura material e humana são propagadas informações qualificadas sobre saúde e outros temas, que reforçam a identidade cultural local e a compreensão das desigualdades sociais que geram problemas de inúmeras ordens. Com emprego de

estratégias e linguagens diversas, os comunicadores informam e também fomentam o sentimento de pertencimento dos cidadãos, com a valorização de suas culturas e tradições. A comunicação comunitária ainda estimula a formação de colaboradores, busca mobilizar fontes de recursos que não estão sempre disponíveis, como editais e chamadas públicas, e ajuda a fortalecer a cidadania nos territórios vulnerabilizados.

Foi possível verificar, tanto nas falas como nas respostas ao questionário, que a comunicação comunitária realizada nas favelas e periferias tem grande impacto na promoção da saúde. Na pandemia de Covid-19, quando muitos coletivos se constituíram em reação à ausência completa do Estado, os comunicadores protagonizaram a disseminação de informações sobre transmissão do vírus e autoproteção, realizaram serviços assistenciais, como distribuição de cestas básicas, e coletaram dados para auxiliar os serviços de saúde locais. Por meio de mídias sociais, carros de som, faixas, cartazes e rádios comunitárias buscaram divulgar em seus territórios informações fidedignas sobre a doença e a vacinação para o maior número possível de pessoas.

Vale destacar que a contribuição desses coletivos também não se limita à produção de notícias sobre saúde e segurança pública. Foi observado no questionário e nas entrevistas que os comunicadores populares promovem a visibilidade e a valorização da vida cultural e política nesses territórios, organizando saraus, rodas de rima, mutirões, assembleias para gestão da vida comunitária, entre outras iniciativas de grande impacto no cotidiano dessas populações, valorizando as falas e linguagens locais e a promoção de espaços de escuta para relatos e denúncias. É uma comunicação que convida moradores a participarem na elaboração de diagnósticos e soluções para o cotidiano de seus territórios, gerando o orgulho de ser ‘cria da favela’.

As entrevistas também evidenciaram a entrega e o comprometimento dos comunicadores com seus territórios, com a luta coletiva travada diariamente por direitos e cidadania. Como um entrevistado do nosso grupo mesmo relatou, favela não é potência, potência são as pessoas que estão ali vivendo sob condições precárias e, ainda assim, com imenso vigor para transformar aquela realidade, lutando para serem respeitadas como cidadãos.

A construção de uma comunicação descentralizada e dialógica, com a participação dos moradores, é constantemente incentivada nesse processo. Nesse movimento, é possível afirmar que a comunicação comunitária territorializada vem buscando refutar

estereótipos resultantes de generalizações de toda ordem e práticas comunicacionais estigmatizantes. Em contraponto ao jornalismo comercial que desumaniza, os comunicadores populares adotam posicionamentos mais críticos e reflexivos em busca de soluções práticas para suas necessidades e a valorização dos saberes e da cultura local.

Consideramos que para fortalecer tal movimento é essencial que a favela e seu povo sejam reconhecidos cada vez mais como sujeitos ativos e participantes dos processos de pesquisa e geração de dados. A produção compartilhada de informação e a construção conjunta do conhecimento e de diagnósticos impactam não só a forma de comunicar, mas podem também incidir diretamente na elaboração de políticas públicas locais mais inclusivas e potencialmente eficazes.

Referência bibliográficas

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância à Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde**: PNPS: revisão da Portaria MS/GM nº 687, de 30 de março de 2006 / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância à Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

CHASSOT, C. S. & Silva, R. A. N. “A pesquisa-intervenção participativa como estratégia metodológica”. **Psicologia & Sociedade**, 30, e181737, 2018.

CZERESNIA, Dina. **Promoção da saúde**: conceitos, reflexões, tendências. 2.ed.rev.ampl. organizado por Dina Czeresnia e Carlos Machado de Freitas - Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2009.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum**: comunidade, mídia e globalismo. Prefácio à 1ª edição: Muniz Sodré; prefácio à 2ª edição: Gianni Vattimo - 2ª ed. rev. e ampl. - Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

PERUZZO, Cicilia M. “Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor”. **ECO-Pós**, v.12, n.2, mai/ago 2009, p.46-61.